

DEPÓSITO LEGAL

# MARIA RITA



SEMANARIO

IMPORTADO

Directão Literária de  
ARNALDO LEITE  
CARVALHO BARBOZA  
JOSÉ DE ARTIMANHA

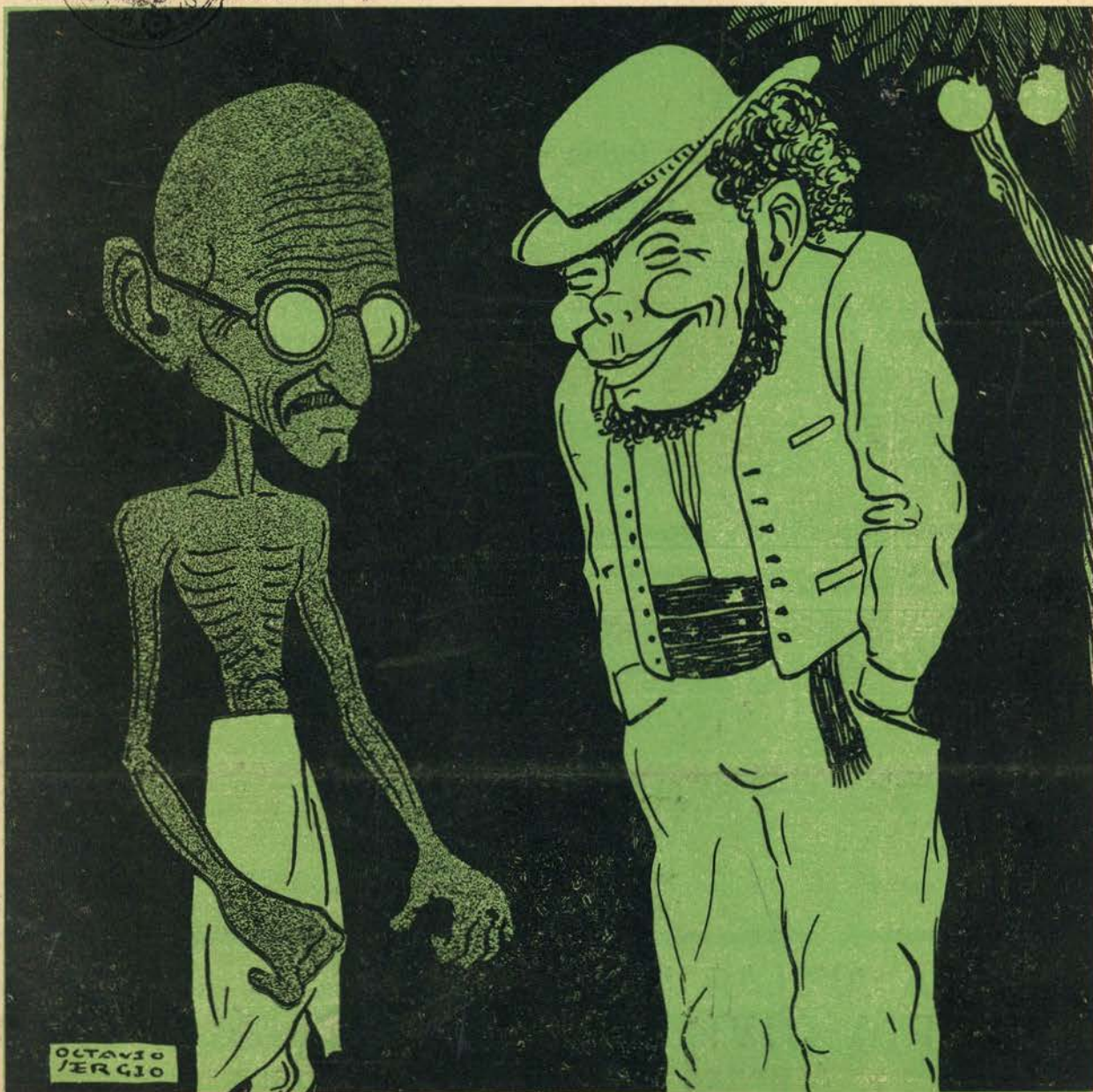
Director Artístico e Secretário da Redacção

OCTAVIO SÉRGIO

OCTAVIO SÉRGIO



## O JEJUM DE GANDHI



OCTAVIO SÉRGIO

Propriedade da Empresa do Magazine «Civilização» L.<sup>da</sup>

Redacção e Administração,  
Rua do Almada, 107-2.º  
Telefone, 1819 — PORTO

Composto e impresso na  
Imprensa Portuguesa,  
Rua Formosa, 116

EDITOR:

E. COSTA MONTEIRO



Directores literários:

Arnaldo Leite, Carvalho Barboza e José de Artimanha

Director artístico e secretário da redacção:

Octávio Sérgio

Condições de assinatura:

*Continente e Ilhas*

Ano . . . . . 45\$00  
Semestre . . . . . 24\$00

*Colónias*

Ano . . . . . 50\$00  
Registado . . . . . 70\$00

*Estrangeiro*

Ano . . . . . 60\$00  
Registado . . . . . 100\$00

Número avulso 1 escudo

Anúncios: Preços convencionais

# Colecção PARA TODOS

A melhor serie de romances, dos mais interessantes  
autores estrangeiros, de Aventuras de Amor, Poli-  
ciais e Históricos, Literatura são



Preço de cada volume em todas as Livrarias

**BROCH. 12\$50 — ENC. 17\$50**

## Rafael Sabatini

(o Dumas moderno)

- Scaramouche fazedor de Reis
- O Capitão Blood
- A Volta do Capitão Blood
- O Gavião do Mar
- O Principe Romântico
- O Grande Amor

## Baronesa Orczy

- O Pimpinela Escarlata
- A Vitória do Pimpinela Escarlata
- Novas aventuras do Pimpinela Escarlata
- Sir Percy
- Eu me vingarei
- O Tirano
- Eldorado
- Rosamaria

## Edgar Wallace

- O Milhão Perdido
- O Gabinete n.º 13
- O Vingador
- O Comandante de almas
- O Apartamento n.º 2

- Um Perfil na Sombra
- O Leão da Bólsa
- A Serpente de Plumas

## E. M. Hull

- O Filho do Sheik
- O Sheik

## Elynor Glin

- Macho e Fêmea

## P. C. Wren

- Beau Geste
- Beau Sabreur

## E. Barrington

- A Divina Dama

## Conan Doyle

- A Cidade Submaria
- A Caixa Sinistra

## Jak London

- Aventureira

## LUÍS EDMUNDO O RIO DE JANEIRO NO TEMPO DOS VICE-REIS

Cvriosa reportagem histórica, reconstrução da vida social brasileira durante o vice-reinado do Brasil no Rio de Janeiro, 1763-1808.

Um grosso volume com mais de 500 páginas, grande formato e cerca de 300 ilustrações, na maioria originaes dos pintores brasileiros Wash Rodrigues, Henrique Cavaleiro, Marques Júnior, Carlos e Rodolfo Chambeland. Reconstituições feitas através de documentos históricos. **Hors-Textes** reproduzindo estampas do tempo, telas, bem como outros aspectos da Arte portuguesa no Brasil Colonial. Luxuosa impressão.

**Assuntos do livro:** A cidade colonial. A gente Ruas, praças vielas e alfurjas. Lojas, Mercadores e seus caixeiros. Ambulantes, Mendigos. Escravos. Procissões.

**Um volume brochado pesando 1:600 gramas 75\$00**  
Egrejas. Sentimento religioso da massa. Padres, Frades. Irmãos da opa. Nosso Pai. A casa e sua arquitectura. A morada por dentro. Mobiliário. Criados. Cosinha e mesa. Donos e donas de casa. Nascimento, infância, adolescência e educação de sinhasinha. Namoro e casamento. As cortezias e obrigações na sociedade. A moda. Os elegantes do tempo. Médicos.

Cirurgiões. Barbeiros. Parteiros, Dentistas. Algebristas. Sangradores. Feiticeiros. Santos curadores. Festas populares. Alegorias. Carvalhadas. Touradas. Congadas. Serração da Velha. As folias do Divino. Outras diversões populares. Teatro. Actores. Espectadores. Plateias. Peças. Tertrinhos de bonecos. Justiça. Juizes. Causas. Advogados. Pelourinhos e força.

## Direito de Família dos Soviets

Por **VICENTE RÃO**

Contendo o código das leis de casamento, da família e da tutela, traduzido e comentado. 2.ª edição, à venda em todas as Livrarias.

**PREÇO: 20\$00**

PEDIDOS À

**Livraria Avelar Machado**

Rua Poço dos Negros, 19-21 — LISBOA

**LIVRARIA AVELAR MACHADO** Rua Poço dos Negros, 21 — LISBOA

**LIVRARIA CIVILIZAÇÃO** Rua do Almada, 107-2.º — PORTO

**À VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS**



# FOLHAS DE ALFACE

## CARTAS DA CAPITAL

Minha querida MARIA RITA:

Gandhi, aquele homem medonhamente feio que rapou a cabeça, arvorou no nariz adunco um par de cangalhas de cristal, embrulhou parte do corpo num lençol turco, e resolveu, assim apetrechado, derrubar o Império Britânico, deliberou agora não comer enquanto o governo inglês não assinar um desses miríficos acordos com que se resolvem, no papel, magnos problemas.

Talvez mesmo, quando receberes esta carta, o pobre Gandhi, com a sua lamentável plástica e o seu lençol turco, tenha ido tratar de abalar, no empirio, a sólida hegemonia de S. Pedro. Esta história das greves da fome, que o Lord Mayor de Cork immortalizou, — falecendo, — parece-me o mais inglório, o mais estúpido de quantos suicídios a inventiva humana fabricou.

Basta dizer que é um suicídio consciente mas involuntário. Consciente, porque quem delibera não comer (salvas excepções de manicómios, que não matam ninguém), sabe que se arrisca a morrer à fome. Involuntário, porque quem assim jejua por atacado não quer morrer; quer fazer chatinagem com a própria vida; quer que lhe satisfaçam vontades, inclusive a de comer.

Além disso, é um crime de lesa magestade da Morte. Eu admiro muito qualquer herói que, dando o peito às balas por uma causa que defende, cai, morto, a proclamá-la. Mas é ridículo, tragicamente ridículo, incuravelmente ridículo, o escravo que, da cama, atrai ao seu despota: — ou me libertas dos meus grilhões, ou não como mais salchichas com couve lombarda!

Bem vejo que pode haver, no herói que admiro, o fruto de uma cega rajada de inconsciência; como pode apontar-se, no herói que ridiculizo, uma lúcida tenacidade de renúncia.

Há, em tudo, noções feitas... Fará sempre sonhar as almas aquele que, sem outro recurso para deixar expresso o seu pensamento, acerou uma lasca de madeira e a molhou no próprio sangue; — e esse enfraqueceu talvez, enfraquecendo a seiva do seu viver, a própria potência do pensamento que seguia; e esse negou a si mesmo as vantagens da tinta permanente... Mas baldado seria contrapor-lhe outro que, — talvez com mais previdente inteligência, e também na minguada de melhor recurso, houvesse expandido o discreto da sua alma em doces rolos de papel higiénico.

Podia o primeiro dizer banalidades cândidas, e o segundo escrever profundas coisas. Sempre aquele nos pareceria sublime, como este nos pareceria grotesco. Talvez por um preconceito, ou uma série de les. Mas o preconceito não domina apenas a vida; — é igualmente soberano na morte, ou na imortalidade. E enquanto o mundo fôr mundo, as causas que comovem, que enternecem, que entusiasmas, que fascina, serão as que assentam sobre o sacrifício do sangue, sobre a fumaceira das arenas: — muito mais do que as que se estribam no carneiro com batatas.

Vai por Lisboa, outra vez, uma grande celeuma filha da Moagem. A' Campanha do Trigo a Moagem contrapôs desde sempre a Campanha do Umbigo, — vértice, coroa, e sintese da descomunal barriga que quer encher. Enquanto podia importar trigo exótico, — não se importava. Agora, Portugal teve o descaramento de produzir trigo para seu consumo. Aos dez tostõesinhos da tabela, a Moagem só teria um lucro lícito; — e, nos dicionários do grande capitalismo, lícito é... aquilo que não tem piada nenhuma.

Por isso, vá de não comprar o trigo, de o mandar comprar por terceiros, (que exploram

conscientosamente os apertos financeiros dos trigicultores).

Enfim, tempo virá em que a Moagem, num regresso forçado à sua santa e alva função, mda santamente e alvamente o cerealzinho lusitano, — sem a necessidade estrutural de ser uma Companhia Nacional de Voragem, — gigantesca moenda onde até agora se tem moído algum trigo, o próprio produtor, e muita paciência de nós todos.

De vez em quando, com uma periodicidade tão certa como a das estações, volta à baila o assunto ortográfico.

A língua portuguesa, no seu aspecto escrito (para não falar agora de mais nenhum) é como estes corpos que padeceram, em certa altura, os males de uma operação mal feita. Volta e meia, — zás! — dói-lhes a cicatriz.

O Sr. Bourbon e Meneses, há dias, botou discurso na imprensa acêrca do *Chinfrim ortográfico*.

Reconhece que estamos em pleno caos, e, — ou ele não fôsse, como creio que é, um paladino da liberdade, um fervoroso parlamentarista, um caudilho indefectível dos Direitos do Homem — parece apelar para a força, querendo que se decrete a obrigatoriedade dêsse abôrto vulgarmente conhecido por *Ortografia Oficial*.

Já agora, — era só o que faltava... O que é divertido, divertidíssimo, é que o Sr. Bourbon e Meneses (que, sendo português, deveria assinar-se Burbão e Meneses segundo os cânones daqueles cuja autoridade tanto acata) — atribue o caos ortográfico... aos monárquicos.

Não invento nada, MARIA RITA! Está lá escrito, com todas as letras, *Ph* — é talassa (e, provavelmente, jazuíta). O que é republicano, republicano histórico, é — *f*.

Quando, em França, os sábios que fôram mestres dos nossos sábios quiseram fazer uma reformazinha ortográfica que era um anjo comparada com a nossa, levantaram-se as pedras da calçada, (sem piada às Pedras Soltas de que o Sr. Bourbon e Meneses, é o pedreiro, livre e contente); e lá passou-se o caso em plena república... — a reforma morreu de morte macaca, entre os demais macaquinhos que os sábios tinham no sótão. (O sótão dos mais ilustres filólogos costuma ser muito povoado por êsses simpáticos primos do homem). Em França venceu portanto... a negregada reacção.

Portugal, mais inteligente, mais progressivo, deu carta branca aos sábios para reformarem — a-pesar-de o próprio Cândido de Figueiredo declarar alto e bom som no prefácio do seu Dicionário que a sua missão *não era reformar*.

Os sábios, confessou-o não há muito o Dr. Leite de Vasconcelos em crônica no *Século* — atendendo a que êste era caturra, aquele era irracível, o outro tinha manias, decretaram «Ciência» por... maioria, e concessões mútuas.

Próximo era como o sábio Gonçalves Viana escrevia *próximo* quando livremente obedecia à própria ciência. Lá cedeu, nesse ponto, para que outros cedessem noutros... E assim nasceu... a irremediável burundanga ortográfica em que nos debatemos, e que, contrariando criminosamente as tendências latinas do idioma (que não eram mais do que o reflexo de uma tendência instrutiva: — fugir do espanhol, *saltando por cima dêle para o latim*) converteu o português escrito num pífilo e feio dialecto do espanhol.

Pois bem, MARIA RITA. Estas questões, que ao tempo pertence resolver — quer o liberal Sr. Bourbon e Meneses decidis-las pelo garrote, pela algema, e pelo chianfalo.

E' que, diz êle, só o interessam as liberdades racionais. Estaquei aflito. Onde teria visto o Sr. Bourbon e Meneses que o uso de tal ou tal ortografia fôsse uma liberdade... de irracional?

Terá êle lido freqüentemente artigos escritos

por uma bêsta, crônicas firmadas por um cavalo, livros publicados por um burro ou qualquer coisa traçada por uma alimária?

Só o interessam as liberdades racionais? As outras... deixa-as aos irracionais? (sic). Muito bem. E' um testamento como outro qualquer. Simplesmente, — que tem isso que ver com a ortografia?

Por não ter nada que ver, e por o articulista «fazer política» num assunto que não a comporta, — compreendi finalmente. O que êle quer é, politicamente, liberdades racionais.

E isso, todos nós entendemos. São... liberdades de razão.

Daqui lhe mando, risonhamente, um «salvo seja».

Dispõe tu do

Tomaz Ribeiro COLAÇO.

## Cartas a tinta preta

(IMPRESSÕES DE ÁFRICA)

Tia MARIA RITA:

Bela, não?

Cada vez mais carecas os meninos, Não os Pilatos, pobres pequeninos, Mas os teus, — os «bêbês» da redacção?

Muito estimo, e desejo aos triplos calvos Que a Mamã não escolha ainda algum Para soberbos alvos

Da barraca genial do Pim-Pam-Pum.

D. Angola e as outras raparigas Espalhadas por êsse mundo fora, Com tanto Pim-Pam-Pum a tôda a hora A estalar-lhes dentro das barrigas, Sente abalar-se na constituição Débil e delicada de menina, — Mas cá vai suportando a sua sina Com boa educação...

... No fim, se lhe pedissem a camisa Até isso ela dava... — se a tivesse, Porque aqui para nós, cá me parece Que é peça que ela já não utiliza: Brigadas obrigadas e abrigadas Que vinham à Colónia tomar ares, Em troca de maquinas regulares, Fingir que concertavam as estradas; Cavalheiros de industria indefinida Que vinham defini-la na Fazenda Junto a gratos padrinhos de encomenda, Com comenda ou sem ela, e com comida; Negociatas sem dô nem consciência Que faziam por cá grandes senhores De suíças e... peras, com louvores De grandíssimos filhos da Potência; Monopólios de tôda a qualidade — Menos pouca vergonha —, concedidos, Da mais diversa nacionalidade... Tudo isto, enfim, boa MARIA RITA A cair sobre a pobre paciente, Se ainda a não despiu completamente, — Já lhe levou, de-certo, a camisita

Porém... — num clima tropical, que admira?! Ora adeus!... Francamente, a gente manga!! Pois não lhe basta o «soutien-gorge» e a tanga? Não fica mais estética, mais gira?...

Adeus, MARIA RITA! o teu sobrinho Já se alongou por mais do que devia. Beija-te a mão com tôda a cortezia Este teu

Migue-LINHO.

## Epitáfio

Esta campa, no seu jugo Tem cativa uma peixeira Que sucumbiu, na Ribeira, Quando escamava um besugo.

BISNAU.

## Balancete da semana

A gente sai de casa, manhã cedo,  
tomado o cafésinho habitual.  
Um sol que mete mêdo!  
Um calor tropical!  
Mas, de repente, — ó céu, ó terra, ó nubes! —  
baixa a temperatura  
e a Chuva, — com ciúmes  
do nobre rei dos Astros, que na altura  
fêz e faz e fará um figurão, —  
principia a cair, raivosamente,  
molhando tôda a gente  
que traz 'inda o fatinho de verão...  
Que grande enundação!

.....  
Connosco sucedeu muito pior:  
Foi tal a molhadela  
que a nossa voz, tão fresca, de tenor,  
— voz que era um acepipe, —  
desapar'ceu. Que é dela?  
Esta só p'lo diacho!  
E por muito favor da Dona Gripe,  
só temos voz de baixo!  
A outra, — a de tenor, — doce, canora, —  
já ninguém mais a agarra....  
— Adeus, "furtiva lágrima!" — E gosa  
só a "vecchia zimarra"...

\*

\* \*

A *Lu* — uma revista parisiense,  
faz reclame à MARIA RITA. — Pense  
o nosso bom leitor o que quizer  
acêrca dos franceses.  
Vós, tripeiros da gema e portugueses  
tesíssimos, tunantes,  
dos tais d'antes quebrar do que torcer,  
— 'stamos tão comovidos, que os restantes  
versos, cá vão na língua de Voltaire:

.....  
Madame *Lu*, merci.  
Ici pour nous, je suis,  
au faire cette, avec un tremblement,  
que personne jamais a vu pareille...  
Avec, cependant,  
ça c'est de tomber d'oeil!  
Je vous embrasse, aussi, de toute mon coeur.  
MARIE RITTE, desormais, la soeur  
tout vôtre, elle sera.  
Au revoir, n'est ce pas?

\*

\* \*

"— Da sua pena sai só verso inédito!" —  
diz-me um leitor que passa.  
— "Você tem muita graça,  
às vezes... Mas que pena não ter crédito!"  
— "Bem sei! Bem sei!" — respondo-lhe casmurro.  
"Para crédito ter e inda mais graça,  
"filho, basta ser burro!"

## A moda dos cinéfilos

Os nossos mancebos gomosos e tos-  
tados, usam agora o colarinho desabo-  
toado e o nó da gravata dado *à la di-  
ble*, sem ser apertado, à laia de fazenda  
exposta à porta de negociante dos Clé-  
rigos. Dizem êles que é à cinéfilo.

Tadinhos! Que engraçados!  
Antigamente conhecia-se a distinção  
da pessoa pela forma como sabia arranjar  
o nó da gravata, para se apresentar diante  
de senhoras com elegância e correção.  
E quando se queria dizer que uma cria-  
tura, era casca grossa, inculta e gros-  
seira, afirmava-se: — "Coitado, não sabe  
pôr uma gravata ao pescoço!"

Agora, porque um marmanhão que  
faz fitas se lembrou de se vestir com des-  
leixo, teve logo mil imitadores, dos tais  
que não sabem pôr uma gravata, nem que  
ela seja das de dois mil e quinhentos... Se  
é por comodidade, porque não compram  
camisas próprias, decotadas, e põem as  
gravatas de parte? Quer-nos parecer que  
estes cinéfilos, começando por não aper-  
tar o botão da camisa, acabarão por desa-  
pertarem os botões das cuecas.

## Nuestros hermanos ...E viva a Liberdade!

Em Espanha um grupo de rapazes  
bem intencionados, jovens comunistas  
de quatorze sanguinárias primaveras,  
entreteve-se a lançar petróleo à porta  
duma igreja, deitando-lhe o fogo a se-  
guir. Um brinquedo inocente! E tão ino-  
cente que um jornal, dando a notícia, in-  
titulava-a: — "Brincadeira de rapazes."  
Muito divertidos são os mancebos espa-  
nhóis!

O pior foi que um agente da polícia,  
não deixou que os rapazes acabassem de  
se distrair e metendo-os na cadeia. Não  
seria muito melhor pô-los em liberdade  
e prenderem os pais?

Aquela Espanha, aquela Espanha!...  
Já nem deixa, sequer, os rapazes diver-  
tirem-se à hora do recreio!

Abaixo os *Jazuitas!*

## Os nossos primos Moreiras da Silva

Os nossos primos Moreiras da Silva  
estão outra vez em Lisboa, fazendo a  
admiração dos lisboetas com a apre-  
sentação dos seus divinos e saborosos  
frutos.

Plantai as nossas árvores e colle-  
reis os melhores frutos! — é a divisa pa-  
triótica dos ilustres horticultores. Plan-  
tai as nossas vides e bebereis o melhor  
vinho! — podem também dizer os esti-  
mados primos, embaixadores do pêssego  
e da pêra junto da lusa Capital.

Um abraço aos viveiristas tripeiros,  
que teem passado a existência a man-  
darem os patrícios plantar, semear e  
cavar... sem ser para muito longe.

## VOLTA A BARBA!

# Pêra, suíça ou môsca?

Os senhores já sabem a última novidade? Não sabem? Pois ela aí vai:

Vai ser outra vez moda usar barba! Sabem onde? Na cara, naturalmente. Mas em que caras? Nas dos franceses que são, como os queridos leitores sabem, uns patuscos que se preocupam muito mais com esta coisa das modas do que com o que se passa na Alemanha.

Pois é verdade, volta outra vez a barba, a môsca, a suíça, etc., etc.

O que dizem os portugueses a esta coisa?

Querem ser barbados e barbudos, ou continuarem rapadinhos e lisos como os pêssegos carecas que não usam capachinho?

Ouçamos algumas opiniões.

### Dr. Afonso Costa

Eu opto pela pêra. Em Lisboa ou em Paris nunca a pêra me abandonou.

A República Portuguesa foi fértil em pêras. As pêras dos ilustres e saudosos Doutores Manuel de Arriaga e António José de Almeida, a minha pêra, a pêra do Bernardino e outras.

Por isso, meus bons amigos, hurrah pelas pêras!

### Dr. Júlio Dantas

Barba, não. Bigode, sim. Um bigodinho bonito como o meu, levemente crestado pelos adoráveis «bout-dorées».

Um bigode poético, com ligas de sêda e punhos de renda! Um bigode em alexandrinos, com marquesas nas guias e cardeais frisados, dançando o minuete da brilhantina junto das asas do nariz!

Ai, como se sabe barbear a gente portuguesa!

### Dr. Brito Camacho

Sou pela barba. Eu cá uso barba crescida, todos os dias, excepto nos fins dos meses, quando vou ao barbeiro para êle me aparar os calos e cortar as unhas que, a-pesar-de compridas, nunca entraram nos bolsos de ninguém.

Da suíça não gosto, por causa de se já reunirem os patuscos da Sociedade das Nações.

Qualquer dia dá-me na môsca e princípio a usar môsca!

### Prof. Homem Cristo

Nem pêra, nem suíças, nem môsca!

Cambada de malandros! Arre, patifes!

Conheço-os a todos de ginjeira! Primeiro

usaram barba à passa-piolho, depois foi

o período da barba à passa-formiga, e

agora usa-se a barba à passa-percevejo!

Corja! Corja!

Porrada e água à jarra para cima de todos os bandidos!

## Artur Ferreira, Filho

(PAULO GANIMEDES)

Um grande acontecimento literário noticiamos hoje aos leitores de MARIA RITA.

Artur Ferreira, Filho, conhecido pelo *Doutor da Boavista*, literato de grande fama em todo o bairro, vai deliciar-nos com as suas substanciosas e suculentas prosas de escritor inacreditavelmente inverosímil, sob o manto diáfano do sugestivo pseudónimo — Paulo Ganimedes.

Talento incompreendido pelos seus contemporâneos, Artur Ferreira, Filho, da mãe deve ter herdado seguramente a sua delicada personalidade de escritor, visto que nos seus escritos palpita sempre a graça feminina.

Vão os leitores conviver com o espírito absolutamente Ferreira do já citado Artur, que, embora seja pai, tôda a gente conhece por Filho.

E para que o fiquem a conhecer melhor, daremos também à estampa a sua caricatura.

Parabens aos leitores... e ao sempre jovem escritor Ferreira, Filho (Paulo Ganimedes).

## PERFIS DO PORTO

XXII

DR. TEIXEIRA RÊGO



*A' primeira vista dir-se-ia arrancado às páginas de Bordalo, incarnando o bufo de ominosos tempos...*

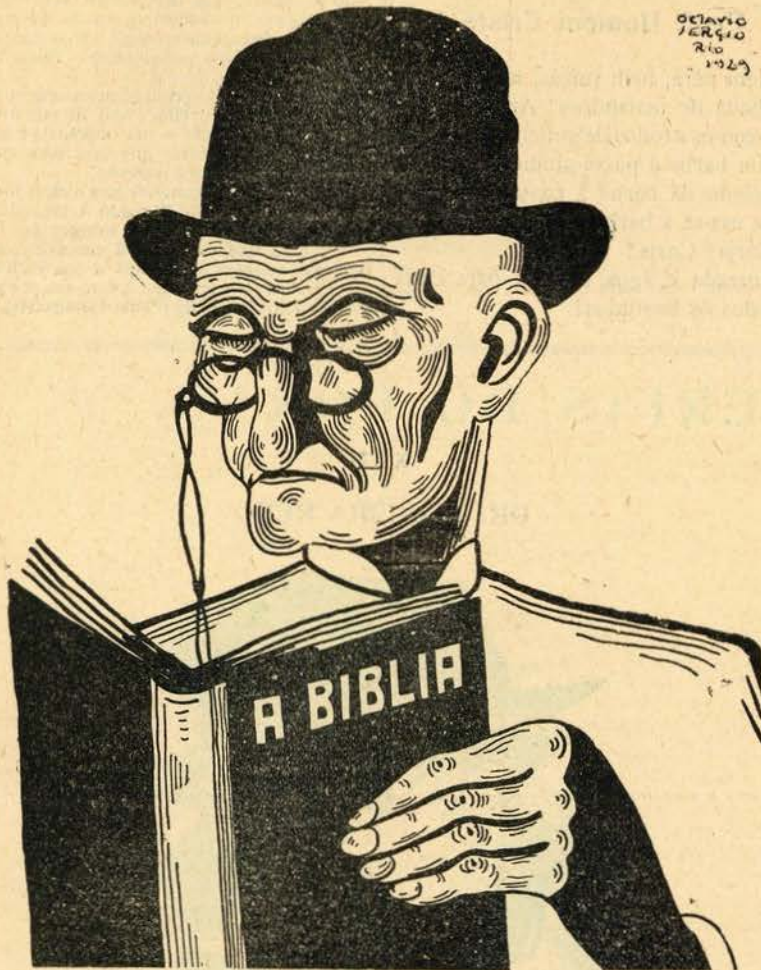
*Trata-se, porém, de um professor e publicista de grandes méritos — um pensador honestíssimo.*

*MARIA RITA, que tem uma particular simpatia por tôdas as pessoas gordas, oscula o seu querido amigo.*

# A VIDA E A MORTE

XXIV

A BÍBLIA



«Deus fêz o homem à sua imagem e semelhança»

Nota do caricaturista—Neste particular foi Deus de uma modéstia encantadora...

## Contos humorísticos

### O cronista de Aldeia da Cera

Para elucidar os amáveis leitores é necessário, antes de começar esta verdadeira narrativa, dizer que existe no País um semanário de informações mundanas, que se publica tôdas as «quinzenas.» Chama-se a «Gazeta das Escolas Semi-fixas» e vende-se nas tabacarias e Casas de Penhores.

O pessoal da redacção, excluindo o porteiro que tem uma apendicite, é totalmente analfabeto; e como é uma publicação mundana, possui correspondentes em todos os bons pontos da Europa, Africa e Colónias.

Entre êles, porém, um há que se destaca escandalosamente: é o abalisado cronista António Maria do Portão de Cima, da risonha e fresca Aldeia da Cera.

António Maria, como o nome o indica, é uma criatura neutra e incapaz de dar uma notícia em vão, o que lhe tem trazido e levado muitas simpatias.

Por acharmos interessantes e de muita actualidade, passamos a transcrever a «Secção Muito Fina» do último número da Gazeta e da lavra do António Maria:

**Divórcio**—Em casa de seus filhos realizou-se o divórcio em terceiras núpcias de D. Gertrudes Cebola, viúva, de quarenta anos, estabelecida com uma salsicharia, «Madame» Cebola passou a chamar-se só Gertrudes, o que lhe fica muito bem.

**Casamento**—Efectuou-se na passada quinta-feira o casamento bastante matrimonial do nosso prezado amigo e distinto proprietário rústico e urbano Manuel Carneiro com a menina «mademoiselle» Alice, filha mais velha do conceituado negociante de carnes do mesmo apelido.

Foram padrinhos, por parte do noivo, os

representantes nesta aldeia do papel higiênico «Sanitas», e por parte da rapariga a Companhia Eléctrica Portuguesa de Garrafões Esterilizados a Vapor.

A noiva deu à luz, durante o copo de água uma robusta criança do sexo anémico.

Aos recém-casados desejamos um pronto restabelecimento.

**Hóspedes**—Na hospedaria «Flor dos Carrais» encontram-se há dois dias os srs. Joaquim Pato, alquilador encartado, e Aníbal Marreco, cauteleiro fardado.

Aos ilustres hóspedes Pato e Marreco enviamos os nossos sentidos pêsames.

**Reunião**—Um valeroso grupo de moços proprietários e comerciantes, composto pelos srs. Alvaro da Carolina, Júlio Lampeão, Francisco do Casal das Porcas e Luciano das Pedras Envernizadas, reuniu ontem à noite na taverna dos «Bons Copos», para tratar um assunto bastante proveitoso para a nossa terra.

Trata-se dum melhoramento importante a fazer no Largo da Cadeia, para evitar que os ex. mos presos cusпам nos transeuntes.

O sr. Alvaro da Carolina alvitrou que a melhor solução seria não prender mais ninguém. Foi muito bem recebida esta ideia.

**Récita de Caridade**—Vão muito adiantados os ensaios para a récita a favor dos grevistas aposentados, que se realiza por estes dias no Teatro Popular da Arte dos Amadores Voluntários.

A avaliar pelos bilhetes vendidos, vai estar um casão. Os poucos lugares que restam encontram-se à venda no talho municipal do sr. Lopes.

Basta, António Maria! Daqui enviamos as nossas mais ardentes felicitações ao digno representante e cronista da «Gazeta das Escolas Semi-fixas.»

A ti, António Maria, magnífico barbeiro de Aldeia da Cera, fazemos votos para que nunca passes a navalha nas nossas caras... nem mesmo metades!

José ROSADO.

## Pensamentos sérios

FEITOS A RIR

Há um preceito que não permite desejar a mulher do próximo. Por isso tão poucos homens há, actualmente, que se cinjam ao sobroso prato de casa, procurando, com avidéz, os pitêus exóticos.

A luz, durante as noites estivais, atrai os insectos—queimando-os. Assim sucede ao homem quando vê na sua frente a mulher que lhe dá no goto.

A guerra civil brasileira deve causar sérias apreensões às mulheres de além-Atlântico, pela certeza que lhes dá da diminuição no número de homens válidos para o matrimónio.

Esboça-se um movimento capilar no bicho homem. A moda, em França, já decretou a pêra e o bigode. Quere-me parecer que regressamos ao período das cavernas—o que equivale ao reconhecimento do semi-nudismo.

A transição do homem, dum período para o seguinte, no que se refere às barbas, não lhe será penosa. Agora mandam-no comer pêrs, mas depois, sem o instigare, êle comerá a maçã com todo o prazer.

ALICK.

## Suplemento da MARIA RITA

dedicado exclusivamente aos jornais por mais  
-:-:-:- hebdomadários que pareçam -:-:-:-:-

### Descansem

Como o nosso próximo número será especialmente dedicado ao *Ecos de Cacia*, como abaixo dizemos, deixamos em paz, por hoje, o grande e vernáculo paladino da Região do Vouga. Felizmente não faltam os continuadores da bela obra dos *cacianos*.

Entremos pelo

### “Comércio de Gaia”

Tôda a gente já sabe que êste distintíssimo semanário, defensor dos Portos de Honra, arrebitou com a MARIA RITA no seu número do passado dia 19 de Setembro. E não levou a bem, o bom do semanário, que lhe apontássemos uns pequeninos defeitos de forma, de português, de redacção e de revisão. Ficou um quási nada fulo, e defendeu-se dizendo que a gente aproveitava as gralhas para fazer graçolas.

Pois bem: daremos hoje aos nossos leitores, algumas passagens dêsse mesmo número de 19 de Setembro.

Primeiro bocado:

### Tem muita razão

*Um leitor assíduo — umigo dedicado no nosso jornal — escreveu-nos uma longa carta contra o «reino da porcaria», que são os lados do Mercado, que está prestes a ser inaugurado.*

E' claro que êste reino que são os lados do mercado, foi gralha tipográfica.

Continua o mesmo:

*Protesta, indignado, contra aquela montureira de estrume, que arripiam as pessoas que ali pássam.*

E a montureira que arripiam também foi descurido do desgraçado compositor.

Sempre andando:

*Não publicamos a carta, por uma razão: é que ela viria enfustiar os nossos presados leitores. Façam Pois, idéa daquilo!*

Daquilo o quê, senhores do Comércio? Da carta?... Desgraçado leitor assíduo que tão mal tratado anda.

Passemos agora a um artigo firmado pelo sr. Carolino H. Martins, e que é puxado à sustância, adjectivamente falando.

Êste artista descreve a praia de Lavadores, lá do concelho e a certa altura diz assim tal e qual:

*O rumor monótono do mar embalava-me como uma doce páz que descesse do Céu.*

*No meio, dêste silêncio, ouve-se apenas o suspiro do mar.*

Há peor bem sabemos, e vamos demonstrá-lo:

*Ao longe, no mar alto, um barco desliza como um passaro triste, de vôo pesado e lento, cortando a linha longínqua do horizonte e que em breve vá sumir-se como uma pequenina nêvem que se desapareceu no espaço. Como é extremamente encantadora e bela a silhueta do mar!!!*

Esta nuvem que se desapareceu no espaço e a silhueta do mar, deram-nos no goto. Mas vá: passa porque há coisas muito peores, como vão ver.

*Muitas vezes, mórbido, recordo aquelles tempos já carcomidos pelo compúlo do tempo, que faz acordar no meu espírito os mais castos e nobres sentimentos de idílios amorosos. Outras vezes, abstracto, fico a recordar as lindas tardes de aguas coloridas e poéticas, cheias de ritmos dos ultimos raios claros do Sol, que projectavam e prateavam as murmurentas e irrequietas águas do mar.*

Se houver alguém que seja capaz de nos dizer como é que o compúlo do tempo pode carcomir o próprio tempo, arrancamos os últimos pêlos da careca!

Quanto ao período seguinte diz tanto que não compreendemos pata-vina. Mas, meus senhores: há peor ainda, e tudo vem no mesmo artigo.

*Hoje, ainda, sinto o ruido languido da sua respiração, aquele murmúrio a introduzir-se-me na alma, resfriando o espírito iscalúbre, e inspirando sonhos de felicidade.*

Bem se vê que o articulista tinha o espírito iscalúbre e o murmúrio da respiração do mar a introduzir-se-lhe no seio. Que pena! E se não fôsse o resto não sabemos o que lhe teria acontecido:

*Porém, sonhava aos passeios que daria, muito junto a alguém, marginando o mar beijado por densas cintilações ardentes e onde o tapete esverdeado do mar fica longo tempo a sós prateado...*

Isto é português sr. Manoel Ribas? Foi isto gralha senhor do seu *Comércio de Gaia*? Isto é vontade da MARIA RITA brincar com Vossa Excelência,

à falta de melhor títere, ou é uma obra de caridade que fazemos?

E ainda há gentios da Guiné no parque Eduardo VII, com o gáudio de gentes portuguesas!...

Ficamos por aqui hoje. Até à semana.

Para variar de mote vamos dar aos nossos leitores uma notícia e um anúncio. A notícia é do

### “Povo de Penafiel”

E diz assim:

*DUAS IGREJAS, 22 — Principiou a caca; sendo, por isso esta freguesia muito visitada pelos amadores deste Sport.*

Ora isto é que é uma gralha com certeza. E de tal forma que nos deixa ficar pensativos quanto à natureza do sport praticado pelos vizitantes de Duas Igrejas. Também achavamos desnecessário que depois de dizerem que a terra se chamava Duas Igrejas, levassem o cuidado a tal ponto de repetirem duas vezes por numeros 2 2 (duas, duas).

O anuncio é do conspícuo

### “Diário de Notícias”

de 20 de Setembro.

### Carlos Rodrigues da Costa

FALECEU

*Sua familia cumpre o doloroso dever de participar o seu inesperado falecimento, cujo seguiu ontem em vagão armado para o cemiterio do Repouso, no Porto.*

*Aproveita o ensejo para testemunhar publicamente o seu verdadeiro reconhecimento á AGENCIA FUNERARIA «SRAF», a conceituada AGENCIA DAS PEDRAS NEGRAS, pela forma como se incumbiu do funeral, não só pela decencia que ao mesmo imprimiu, como pelo seu moderadissimo preço e muito em especial pelas atenções cativantes e inexcêdíveis, dispensadas pelo seu proprietario-gerente, sr. Octavio Lopes, bem como pelo seu pessoal subordinado.*

E é isto. O progresso, de cada vez ha-de tornar a vida mais insuportável. Agora já os falecimentos seguem pelas vias competentes. E não há-de demorar muito tempo que tenhamos falecimentos ao domicilio a trôco de preços módicos.

O próximo número da MARIA RITA é dedicado ao «Ecos de Cacia». Além das reportagens costumadas, êste número inserirá a gravura da maquete do monumento mandado erigir a tão preclaro e estrênuo defensor da Região ao Vouga pelos seus agradecidos povos, e as resenhas dos discursos proferidos no acto. Ler a MARIA RITA de sábado próximo é ter a certeza de ir a Cacia num Jornal Mistério. Hurrah! pelo «Ecos de Cacia», Hurrah!

# Graves questões internacionais

## A linha feminina — Direita torta?... — Mussolini gosta das gordas — O que se preza em Itália é de patriotismo



D. MARIA RITA, que, não desfazendo em quem está presente, é um bom pedaço!

MIAM as gazetas de há uns tempos para cá que em Itália se está operando uma transformação completa no modo de ser da mulher.

Primeiro foi D'Annunzio. Com o seu «Fogo» transformou todas as mulheres italianas em apaixonadas fervorosas das carecas em forma de cotovelo.

Depois foi o Santo Papa, que proibiu a entrada nas igrejas às mulheres com menos de um metro de saia e dois decímetros de blusa.

E agora, é o Duce, o enormíssimo Mussolini, quem decreta sem remissão que as mulheres teem de ser mulheres absolutamente rotundas, quer tenham ou não Boavista.

### Causas próximas ou remotas

Esta coisa das rotundidades vem de trás. Nos tempos do saudável Nero, que mandava fritar os cristãos em frigideiras de prata, e atirava às feras as donzelas escorregadas de carnes, sempre o invencível povo do Mediterrâneo preferiu as gordas.

«Matronas, venham matronas», era o grito querido dos guerreiros.

Está ainda na memória de todos os sobreviventes o que foi essa célebre chacina do *Quo Vadis*, em que a Ligia — coitadinha! — se viu pregada nas hastes dum touro bravo, pelo único crime de não ter as ancas bem fornecidas de tecido adiposo.

### O macarrão quiere gordura

E' este um princípio que toda a dona de casa que se preza conhece sobejamente.

E como a MARIA RITA, além do seu lugar de doméstica verdadeira, tem uns arrateis a mais, ficou contentíssima ao saber das decisões do Duce e resolveu entrevistar algumas mulheres tripeiras sobre as resoluções fascistas.

### Falam mulheres da nossa terra

Começamos por entrevistar D. Aurora Jardim Aranha. Pessoa distintíssima e da nossa maior consideração, não é positivamente uma matrona, mas não é também o que se pode chamar um carapau de espêto. Nela, a proporção fez gala...

Começou (foi o romper da aurora): — O Mussolini é tólo. Há de matá-lo a sua mania de mandar que o meu colega Camões definia assim:

*Ó glória de mandar, ó vã cubiça...*

Entendeu êle que as mulheres se deixavam arrastar pelo seu gesto ditatorial... Mas as mulheres só atendem um ditador: a moda. Este sim, que as faz engrossar e esticar a seu belprazer. Agora o outro...

### Tem a palavra agora a D. Palmira Coelho

Fomos encontrá-la agarrada ao volante do seu querido *Opel*, o carro fantasma que aparece em toda a parte, que entra nas corridas, que concorre nos *railys*, que vai às *gimkanas*, que chega aos 100 quilómetros e à ourivesaria da Rua Sampaio Bruno. Preguntamos-lhe a opinião sobre o gesto mussoliniano, sobre a engorda feminina, e que não é precisamente um gesto anti-rábico.

— As mulheres italianas — começou ela — se fôssem todas da minha força, não acatavam as leis do seu senhor. Como pode acatar as leis dos homens, uma mulher que mete primeira, mete segunda e põe o carro em prise directa?

Engordar pela Pátria é lindo!... Mas não será muito mais bonito levar o



GUILHERMINA SUGGIA, a artista conhecida em todo o mundo

nome da pátria ao estrangeiro pela boca do *sport*. O automobilismo é compatível com o patriotismo; é uma questão de maior ou menor pressão de ar nos pneus.

Dito isto, apontou-nos para uma quantidade de taças, de salvas e de objectos artísticos!

— Veem isto?...

Dissemos que sim e fomos felicitá-la pela quantidade de prémios obtidos; mas ela continuou:

— Pois são fabricados na minha ourivesaria...

E concluiu assim:

— O que as mulheres italianas devem fazer é marcha *en arriere* e não

impedir o trânsito, porque a mulher gorda atravessa-se-nos na frente. Viva a

lher-aza, a mulher-sapo. Detesto a *redondilha-mulher*. O verso, quanto mais fino, mais lindo. A mulher é toda um verso. Quer-se com peso e medida. Uma mulher *Alexandrino* deixa de ser uma mulher, porque tem sílabas de mais. Tudo o que fôr além de sete, é anti-estético. Vou fazer um novo livro sobre a mulher moderna. Intitula-lo-ei propositadamente: «O Pó de arroz do teu arminho».

Será lindo, e eu nêle, numa alocução às mulheres italianas, direi que isto de engordar, hoje em dia, não depende apenas dum homem, como outrora.

### E agora, só se fôr por música. Toca à vez a D. Guilhermina Suggia.

Fomos encontrá-la agarrada ao rabecão ultra-querido.

— D. Guilhermina, que nos diz sobre a última ordem do Duce?

— Não sei. Trago o espírito por tão

longe!... As mulheres são como os instrumentos: tocam-se como se quer e entende. Mas a mulher *trombone* não tem direito de existir. Bem sei que todas elas gastam as notas num abrir e fechar de olhos. Mas a mulher-flauta tem vantagens sobre a mulher-timbales, ou a mulher-fagote.

Confessamos humildemente que as flautas nos agradam em primeira mão, e ela continuou:

— Nas minhas viagens de circunrabecão, tenho estudado muito à cêrca das mulheres. E o instrumento que melhor lhes quadra é o violino. Tem alma como elas, geme como elas, e encanta como elas. Mas uma mulher-bombo, rotunda e enorme, não deve usar-se jámais. O Duce não devia ter tocado nas mulheres. Há de

linha!... E sem nos dizer mais nada enfiou o *macaco* e pôs-se a andar.

Viemos embora com o *pára-brise* embaciado de vergonha.

### Vai falar a poesia pela boca da D. Marta Mesquita da Câmara

Deixamo-la falar sôzinha, depois de formulada a pergunta, porque a D. Marta fala consigo própria:

— Sabe? fiquei *triste* ao saber da resolução do Duce. Eu detesto a mulher-*catedral* e entendo que todos os homens devem preferir a mulher-linha, a mu-

ver-se submergido pelas mulheres de hoje, as magras, as falsas-magras, e as verdadeiras magras.

Esta tirada deu-nos em cheio na trompa. Mas não desistimos e inquirimos ainda:

— Vota então pela esbelteza?

— Positivamente. A mulher é uma arcada violoncelica maravilhosa...

E terminou, deixando-nos com a convicção absoluta de que o Mussolini terá de ficar um dia debaixo daquela arcada.

### MARIA RITA assim falou

Criatura desenxovalhada, franca, de coração ao pé da boca, toda pão, pão, queijo, queijo, a endiabrada mulher opinou da seguinte maneira:

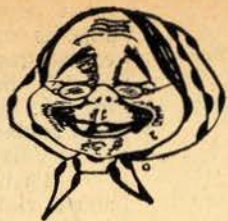
— Acho muito bem. O Mussolini é cá dos meus. As mulheres querem-se com carne, músculos, nervos e pêlo na venta! Fedúncias e fedorentas, são boas para substituírem o sulfato de soda! Eu sou pela mulher-mulher, a mulher sólida e bem construída desde os alicerces à clarabóia, com portas amplas e peitoris de cimento armado! A mulher-pau, a mulher-enguia, a mulher-espinafre, a mulher-fuso, a mulher-bacalhau, não serve para nada, nem mesmo pondo-a de mólho! Porque está provado que a mulher-bacalhau, a pesar de assim se chamar, não tem postas, nem barbatanas, nem rabo! Hurrah, pelas mulheres de cem quilos!»

Assim falou a MARIA RITA, que, como vocelências sabem, é uma criatura de peso e de patriotismo.



D. AURORA JARDIM ARANHA





## Sinfonia de abertura

MARIA RITA, para dar início a esta secção desportiva, só esteve à espera duma coisa: que mudasse a hora. Realmente, uma época nova não podia começar com a hora velha...

As suas reportagens sobre os assuntos que dizem respeito ao pontapé, à traulitada e ao murro, começarão no seu próximo número, irão até aos arredores e passarão fronteiras.

Neste número limita-se a saudar todos os Clubes em geral: campeões, divisionários, promocionários e amadores, e deseja-lhes a todos inclusivamente sempre vitórias e lucros. E aos seus representantes toda a calma que nos anos passados deixaram ficar em casa. Também apela para que não haja:

— Combates de box onde só devem existir pontapés.

— Rasteiras, quando o jogo fôr por alto.

— Palavrões que ofendam as costas doridas da assistência.

— Morte do árbitro ou roubo do apito.

— Quando nos visitar um *team* estrangeiro, sejamos portugueses sempre e malcriados nunca.

— Enganos ao público, dizendo que joga fulano, quando êle tenha partido na véspera para a Africa.

— Excessos de Clubismo que tornem o bairrismo mais pobre do que Job.

— Jornais da especialidade que ataquem um club através de tudo.

Em troca, a MARIA RITA, promete:

— Que saberá zurzir quando houver em quem.

— Que os ases para ela valem às vezes menos que as cenas... que praticuem.

— Que gostará de ter os livres trânsitos da praxe.

— Mas que, se os não obtiver, nem por isso deixará de elogiar quem lhos negar.

— Que todo o seu empenho é que a nova época seja igual pelo menos àquela que passou.

E agora, meus senhores todos, até ao próximo número.

## Analfabetismo comercial de Gaia

O *Comércio de Gaia*, federado na 3.<sup>a</sup> Internacional dos *Ecos de Cacia* de todo o mundo, dirigido pelo grande e talentoso escritor Manuel Ribas (1<sup>m</sup>, 25 de altura) insurge-se contra nós porque aqui fizemos alguns comentários alegres, sem graça nenhuma, ao vernáculo de suas prosas.

Diz que nós não temos graça nenhuma, que somos uns sensaborões, e remata, atrevido, como todos os analfabetos que invadiram os domínios das pessoas letradas, com êste engraçadíssimo período:

« Bem se vê que êstes senhores estão pouco habituados ao jornalismo... »

Não há nada como uma pessoa se chamar Manuel Ribas para se saber bem o que é o jornalismo.

O Sr. Ribas não quer que o seu jornal seja digno dos nossos comentários? Tem um remédio: é não escrever asneiras dêste quilate:

### « A voz das nossas leitoras

Devido à falta de espaço com que vimos lutando, tendo-nos ficado de fora os originaes do inquérito às nossas leitoras. No último número, nada inserimos, e neste segue-se idêntica norma.»

*Isto de não inserir nada por norma, é de se lhe tirar o chapéu!*

Basta!

Ala Ribas! Ala Ribas!

Pelo *Comércio de Gaia*... Ala Ribas! Ala Ribas!

Não há dúvida nenhuma: para fazer bom humorismo só o *Comércio de Gaia*... e o *Ecos de Cacia*.

Humorismo inconsciente, bem entendido.

## Posta restante

*Leão Pardo (Angola)* — Os nossos braços são mais que fraternais; são quasi filiais.

Cá estamos prontos a amá-lo e a servi-lo. Benvindos sejam ao seio da MARIA RITA, farto e generoso, todos os irmãos de além-mar. Leão Pardo: sois o terceiro *angolar* que nos visita. Mandai mais produções e nomes amigos, para que a MARIA RITA possa ser em Africa o enviado do riso nacional.

*Migue-Linho* — Mais do que amigo, a MARIA RITA, considera-o desde já filho dilecto. As suas «cartas» são apreciadas por todos, creia.

Dentro em breve iniciaremos um concurso para os nossos leitores das colónias, e um mote especial para glosar, com o prazo de três meses. Estará bem assim?

Do nosso colaborador poético, que se en-coberta sob o pseudónimo condimentado de Rei Louro, recebemos o soneto abaixo, como protesto por não termos publicado um outro:

### SONETO

#### Posta Restante

Danado

Estou. Pior do que um burro.

Isto já me cheira a esturro,

Não devo ficar calado.

Não pude ver publicado,

Aquele soneto *lindo*,

Que dava prazer infindo

A quem lêsse, deleitado.

Porém a Parca maldita

Não quis que a MARIA RITA

Publicasse êsse *tesouro*,

A resposta ao ilustre Raza,

Ao seu *Beijo*, que em brasa

Deixou o pobre

Rei LOURO.

ao qual respondemos assim:

Rei Louro: a produção

Que mandou, metia mêdo.

Foi o caso do *chupão*

Que o fêz... chupar no dedo.

*Bisnau* — Obrigadíssimos por tudo. Nenhuma das suas observações foi para o cesto dos papeis. A não ser as palavras imerecidamente elogiosas, tudo o resto foi aproveitado e, mais dia menos dia, serão postas em prática. O amigo ilustre que nos lê, e que também já foi pai dêstes filhos, saberá compreender-nos, não é assim? Não nos abandone. Somos bons e a MARIA RITA é esta sua criada.

*Amarantino* — A culpa não foi nossa. E se a destacamos com o final da sua carta, foi porque as coisas cá na casa são vistas com ôlho perscrutador.

*Ret sem trono* — O que pede a um dos nossos directores é quasi um impossível. Esse dueto transformar-se-ia num duelo. E que todos o façam menos os desta casa. Bem vê: há susceptibilidades. Agora a ideia é excelente... Não poderá realizá-la o amigo, que trabalha o verso facilmente?

## Na praia



— *Ai filha, não me fales nisso. A mulher do Dr. Pena é uma antiga... não tem amantes nem nada!*



Quem é?

Na pêra — sal e pimenta,  
 Na pena — pimenta e sal;  
 Cinquenta e tal aparenta  
 O seu porte Marcial...  
 Mas nos livros, não senhor!...  
 Tem só vinte, sem favor!  
 Receita extractos,  
 Cura lesões;  
 Até faz Factos  
 A Prestações,  
 Que a gente gasta  
 Por dez tostões.  
 Co'a pena à guisa  
 De bisturi,  
 Escalpeliza,  
 E a gente ri!...

AMARAL.

### Anexim

— Onde fica a rua X! —  
 pergunta o Zeca ao Miroma.  
 O homem sorri e diz:  
 — Que pergunta, meu petiz!  
 "....." (?)

(Setúbal).

JOACHIM II.

Decifrações do número anterior: *Quem é?*  
 — Eduardo Santos (Edurisa). *Anexim* — «Quem  
 torto nasce tarde ou nunca se endireita».  
*Matadores*: Reirobi, Satiérí ed Miled, Cam-  
 peão, Rei Preto, Cardial Gonzaga, Leão 1.º,  
 Lino (Barcelos), Zé Barão, Rei do Orco.

## ANUNCIOS da MARIA RITA

**Aluga-se** uma pêra e um bigode do  
 século passado, em bom es-  
 tado de conservação, por todo o tempo que a  
 moda permitir.  
 Dirigir propostas em carta fechada a este  
 jornal, às iniciais P. X. Z.

**Cães.** Perderam-se ontem, quando se ex-  
 perimentava uma espingarda caça-  
 deira de dois canos. Gratifica-se quem os entre-  
 gar e procede-se, a todo o tempo, contra quem  
 os retiver.

**Homem** de boa aparência e delicado,  
 com longa prática de costas  
 direitas, pretende relacionar-se com governanta  
 honesta de casa rica para suprir a crise de ali-  
 mentação que ora atravessa. Guarda-se sigilo e  
 dá-se fiador de toda a respeitabilidade.

**Horas,** de sessenta em sessenta minutos  
 e meias horas de trinta em  
 trinta ditos, dão-se, de graça e sem qualquer  
 trabalho do contemplado, em qualquer relógio  
 de boa marca.

# MEIO CONTO POR SEMANA OV 500\$00 DE PROSA

## As distrações de Elias Malaquias

Muito distraído é o meu amigo Elias Malaquias!

Disse-me o pai que, quando o Elias nasceu, foi necessário extrair-lo a ferros. Eu suponho que os médicos não o extrairam, mas que o distraíram, para que pudesse atravessar a vida sempre distraído e contente!

São diárias e constantes as distrações do Malaquias.

Uma vez chegou a casa para almoçar; ouviu dar doze badaladas, levantou-se da mesa, deu as boas-noites e foi enfiar-se na cama. Era meio-dia, mas êle, distraído como sempre, julgou que era meia-noite!

E' casado, bom homem, incapaz duma infidelidade e sem coragem para golpear o nó do himeneu. No entanto, por distração, todos os filhos que tem são de diversas senhoras, mas nenhum da legítima esposa! Tudo por distração, é claro!

\*  
\* \*

O Malaquias andava a tomar banhos em Carreiros. Há tempos entrou no eléctrico, despiu-se e, chegando à plataforma da frente, atirou-se de cabeça para baixo de encontro aos paralelepípedos da rua! Julgou que estava na praia, a atirar-se da prancha abaixo!

Foi uma distração que lhe custou sete pontos naturais, duas semanas de hospital e oitocentos escudos.

A-pesar-de tudo isto, o Elias Malaquias é um homem imensamente feliz. Mete-se no quarto da criada, por distração; introduz a mão nos bolsos dos amigos, por distração; não cumprimenta as pessoas a quem deve dinheiro, por distração; não conhece o merceeiro, por distração; e fica com a cigarrreira dos amigos, por distração!

Coitado do Malaquias! E' tão distraído!

\*  
\* \*

Em Agosto estive muito doente, mesmo muito malzinho, desenganado de todo. Na mesma ocasião adoeceu também um irmão do Elias, com uma indisposição de estômago, coisa ligeira e sem importância.

O médico, uma celebridade, especialista em levar cem escudos por cada visita, sentenciou gravemente:

— «Não escapa. De madrugada, dá a alma ao Criador».

Pois querem os senhores saber o que aconteceu? O patife do Elias, por distração e não se lembrando do que o médico tinha dito, levantou-se ao outro dia todo lampeiro e a vender saúde, e foi chamar o cangalheiro para vir tratar do funeral do irmão, que tinha falecido às duas da madrugada!...

\*  
\* \*

Encontrei-o ontem. Como ia distraído, não me viu. Chamei-o três vezes. Voltou-se e veio ao meu encontro.

Estendeu-me o pé para eu o cumprimentar. Tirei-lhe a bota, também distraidamente, e conversamos um pouco.

O tema era sempre o mesmo: as distrações do Elias.

— Então, sempre na mesma? — indaguei.

— Cada vez pior — desabafou o Malaquias. Sabes lá o que me aconteceu esta noite! Imagina que, por distração, quando acordei de madrugada, troquei os moradores da mesinha de cabeceira, colocando o copo da água no rés-do-chão e o vaso da noite no primeiro andar. E de manhã, quando acordei, distraído como sempre, — malditas distrações! — deito a mão ao que estava em cima da mesinha, e bebi, bebi, bebi, julgando que era o copo com a água! Hein, que me dizes tu a isto?

— Meu velho, lá diz o rifão: — «Ninguém diga: desta água não beberei!»!

LEIDOAR.

## Instantâneo

Viva lá, meu caro Freitas!  
 Tu estás fero! E os teus miúdos,  
 Como vão nos seus estudos?  
 — Quando mal... nunca maleitas!

Olha lá: tu não me ageitas,  
 Até breve, uns vinte escudos?  
 Vão os tempos tão bicudos...  
 Ando de costas direitas...

— Bem te quizera servir,  
 Porém, bem vês — e, a sorrir,  
 Vira os bolsos do outro lado!

Mas, diz-lhe o Lucas, em brasa:  
 — E lá em casa? — Ah!... Em casa,  
 Todos bem, muito obrigado!

ALBANUS.



**GLOSAS:**

Lindo proveito se logra  
Desde já neste concurso:  
Vou fazer figura d'urso,  
**Vou casar com minha sogra!!!...**  
Mas se o azar se malogra  
Nem tudo são empecilhos:  
Trata a velha dos fundilhos,  
Chovem os prêmios a esmo  
E eu vou ser pai de mim mesmo  
*Pra ser acó dos meus filhos!*

**Amaral.**

Concorrentes que obtiveram  
um voto de louvor:

**Luigi Morelli, Sepol, Ardotos,  
João da Sé, Horrivel, Olegna, Lizé,  
Saramago.**

Quem meu enlance malogra,  
Que quer de mim, afnal!  
Escolhesse bem ou mal,  
**Vou casar com minha sogra!**  
Quem uma velha assim logra  
Não 'stá livre de cadilhos,  
Nem tampouco de «sarilhos»,  
Mas enfim... quem quer não cai...  
Depois deixo de ser pai,  
*Pra ser acó dos meus filhos...*

(Gaia). **Sepol.**

Que ventura que se logra  
Quando se faz o que eu faço!  
Por ser ainda um pedaço,  
**Vou casar com minha sogra.**  
Mas, se à forma do costume,  
Lhe voltar o azedume,  
Digo: — Basta de sarilhos  
Sua velha impertinente!  
Eu casei-me simplesmente  
*Pra ser acó dos meus filhos!*

**Ardotos.**

Como saúde não logra  
Quem casa com raparigas,  
Já não me fio em cantigas:  
**Vou casar com minha sogra!**  
E' feia como uma ogra  
E usa calças com fundilhos,  
Mas meu pai oitenta milhos  
Aos meus netos quer deixar,  
E eu cá vou-me habilitar  
*Pra ser acó dos meus filhos.*

**João da Sé.**

Porque a gente nada logra  
Coisas boas desejar  
Vou-me inda mais encravar  
**Vou casar com minha sogra.**  
O caso não se malogra  
Vou arranjar empecilhos  
Meter-me em novos sarilhos.  
A avó de netos cheguei  
Agora mais m'espetei  
*Pra ser acó dos meus filhos.*

**Horrivel.**

Móça nova não me logra,  
Não me convence o palmito.  
Por isso disse é repito:  
— **Vou casar com minha sogra.**  
E se a coisa não malogra,  
Se não houver empecilhos,  
E não surgirem sarilhos,  
Vou já casando aos bocados  
*Pra ser pai dos meus cunhados,  
Pra ser acó dos meus filhos.*

(Aceiro). **Olegna.**

N'este mundo ninguém logra  
A pouca sorte fugir  
E como a minha há de vir  
**Vou casar com minha sogra.**  
D'esta forma se malogra,

O turbilhão de sarilhos  
Que me fez sair dos trilhos.  
No meio d'esta embrulhada  
Já sou o pai da cunhada  
*Pra ser acó dos meus filhos...*

Lizé.  
Há quem só desgraças logra!  
Por ser pai duma ninhada,  
Com a mãe divorciada,  
**Vou casar com minha sogra.**  
Se a coisa se não malogra  
Fico livre de sarilhos:  
Ela bota-me os fundilhos,  
Ensinho nos miúdos dá,  
E eu deixo de ser papá  
*Pra ser acó dos meus filhos...*

(Penafiel). **Saramago.**

Róseo sonho se malogra  
Dum amor todo ventura.  
Dorme, Nice, em cová escura?!  
— **Vou casar com minha sogra!**  
Mas se ela ter filhos logra  
Vou ver-me em sérios sarilhos...  
Que os filhos são empecilhos  
Que nos causam arelia  
Vou, pois, ligar-me à Maria,  
*Pra ser acó dos meus filhos.*

(Gulpilhares). **Luigi Morelli.**

Agora que ninguém logra  
O bem-estar em família,  
**Pra acabar co' esta zezilia**  
**Vou casar com minha sogra.**  
Mas esta ideia malogra  
Só de pensar nos sarilhos  
E nos tamanhos atilhos,  
Com que me vou encontrar.  
**Pra que me hei de eu «enforçar»**  
*Pra ser acó dos meus filhos?*

(Da estratosfera). **Piccard.**

Pra ver o prazer que logra,  
Quem com a sogra casar,  
Eu vou-me divorciar,  
**Vou casar com minha sogra.**  
E' um belo bico d'obra,  
Que me livra de sarilhos,  
E acaba c'os cadilhos;  
(Como lá diz o rião)  
Passando de pai enlaço,  
*Pra ser acó dos meus filhos...*

(Trancoso). **Zé Barão.**

Nesta vida, quem não logra?  
— Diz o Monteiro com graça —  
Antes que outra asneira faça,  
**Vou casar com minha sogra.**  
E sem mais rima p'ra ogra  
E p'ra fugir a sarilhos,  
Vou imitar os «Chiquilhos»  
Que aqui há no meu Torraão!...  
Rejeito a Conceição...  
*Pra ser acó dos meus filhos.*

(Seia). **Agá Larbac.**

A fêmea do ogre é ogra  
A fêmea do lontro é lontra,  
Eu para ter fêmea pronta,  
**Vou casar com minha sogra...**  
Já agora, quando ela logra  
Agarrar-me p'los fundilhos,  
Leva-me por invios trilhos  
Até à fôlha de parra,  
Para ver se eu tenho garra  
*Pra ser acó dos meus filhos...*

**J. A.**

Em vão busquei rima em «ogra»  
Para o mote que está aí;  
Pelo muito que sofri,  
**Vou casar com minha sogra...**  
Ela, porém, não me logra,  
Nem me intremete em sarilhos,  
Que os encantos que tem vilhos  
Quando ela tomava banho,  
Por isso agora me empenho  
*Pra ser acó dos meus filhos...*

**John Athas.**

Minha vida não malogra  
Por este invulgar apêgo:  
Pra garantir meu sossego,  
**Vou casar com minha sogra!...**  
Não sei se logra, ou não logra,  
O meu viver!... De empecilhos,  
Só os filhos, meus cadilhos...  
Para alivio da macada,  
Vou casar co'a sogra amada,  
*Pra ser acó dos meus filhos!...*

**Zefiro.**

Meu intento se malogra  
E faço figura de urso  
Quando em ultimo recurso  
**Vou casar com minha sogra!...**  
Mas, quem de melhor não logra  
Nem carilha em melhores trilhos  
Vai tentar, talvez, cadilhos  
Não resiste à tentação.  
Desta vez fui no balão,  
*Pra ser acó dos meus filhos!...*

**Alfredo Cunha (Raza).**

Como tenho tempo de sobra,  
(Seis meses de viuvez)  
Vou-me enforçar outra vez,  
**Vou casar com minha sogra.**  
Mostra coragem, até prova  
Não ter medo de sarilhos,  
Trocando assim aos cadilhos  
Sua origem maternal  
Vou ter uma vida infernal  
*Pra ser acó dos meus filhos.*

**Rei Louro.**

Custa-me rimar em «ogra»,  
Sei, ser de vocês, o pior...  
Contado, sei viver melhor:  
**Vou casar com minha sogra;**  
E, se meu fim não malogra,  
Se não houver empecilhos...  
São só cem vezes cem «milhos»!!!...  
Mentira!... Sou «snob»... no viver!  
Por isso, eu, é que vou fazer,  
*Pra ser acó dos meus filhos!...*

**H. R.**

Minha mulher já não logra,  
Eu beber um velho «Porto»,  
Pois está seu corpo morto!...  
**Vou casar com minha sogra.**  
Que meu fim não me malogra...  
Tem um fraco p'ra sarilhos,  
E é «forte» a p'ra fundilhos!...  
Mas, tem algum de seu, anéis...  
Vou, pois, já tratar dos papéis,  
*Pra ser acó dos meus filhos!...*

(Portalegre). **Herr Ritófilo.**

**Vou casar com minha sogra,**  
Tiror-lh'as teias d'aranha;  
Pois de mim: o que ela logra,  
Eu lhe dou, com arte manha;  
Não é das que muito arranha,  
Nem das que armam sarilhos!  
Só sabe seguir bons trilhos,  
Porque diz quem que sou meigo  
E eu caio, sim, qual leigo.  
*Pra ser acó dos meus filhos!...*

**Rei sem trono**

Minha mulher deu em «dogra» (1)  
C'um guarda republicano;  
Pra lhe fazer ferro e dano  
**Vou casar com minha sogra.**  
Minha vida já não logra  
Ver-se livre de empecilhos;  
Venham, pois, muitos sarilhos,  
Seja o guarda genro embora,  
A mulher futura nora  
*E eu acó dos próprios filhos.*

**Júpiter.**

Pois a mim já ninguém logra  
Mas quero-me deixar lograr  
E p'ra deixar de trabalhar  
**Vou casar com minha sogra.**  
A coisa não se malogra

(1) Metátese de droga.

Mas tem muitos empecilhos  
E por causa dos sarilhos  
Eu tenho que a bem tratar  
Pois sei bem que vou casar  
*Pra ser acó dos meus filhos...*

**Amarantino.**  
Muita gente há que não logra,  
Vida alegre e divertida,  
Pois p'ra fazer pela vida,  
**Vou casar com minha sogra.**  
Mas se a coisa se malogra,  
Fico metido em «sarilhos»  
Perde a boda os seus brilhos:  
Mas vou casar sensação,  
Vou casar... triste ilusão!...  
*Pra ser acó dos meus filhos...*

**Delém de Freitas.**

Como eu, já ninguém logra  
Ficar sempre pobrezinho,  
Pois p'r'arranjar dinheirinho  
**Vou casar com minha sogra.**  
Se esta coisa malogra  
Fico cheio de cadilhos,  
E separado dos «milhos»,  
Ficava tão bem... tão bem...  
E ainda, era também,  
*Pra ser acó dos meus filhos.*

(Aceiro). **Zé Maria.**

Ela anda a ver se me logra,  
Mas eu já estou resolvido,  
A deixá-la sem marido...  
**Vou casar com minha sogra.**  
Mesmo isto já está em voga  
De haver estes trocadilhos  
Vou-me meter em «sarilhos»  
Não julguem que é chacota!  
Vou casar com a velhota,  
*Pra ser acó dos meus filhos.*

**Octávia Maria.**

Agora ninguém me logra,  
Já cai em muita esparruela,  
Mas eu não caso com ela  
**Vou casar com minha sogra.**  
A pesar de velha e tiogra  
E mulher de muitos brilhos,  
E não gostando de empecilhos  
E tudo ficar em casa!  
Vou fazer como o da Raza?  
*Pra ser acó dos meus filhos.*

**Reirobi.**

A paciência não me sobra  
Pra ser genro segunda vez;  
E, já que estou na viuvez,  
**Vou casar com minha sogra.**  
Isto não será boa obra,  
Mas eu não quero empecilhos:  
«Quem tem filhos, tem cadilhos»,  
Não quero sogras em dóbro,  
Nisso tudo ponho còbro,  
*Pra ser acó dos meus filhos.*

**Tónio.**

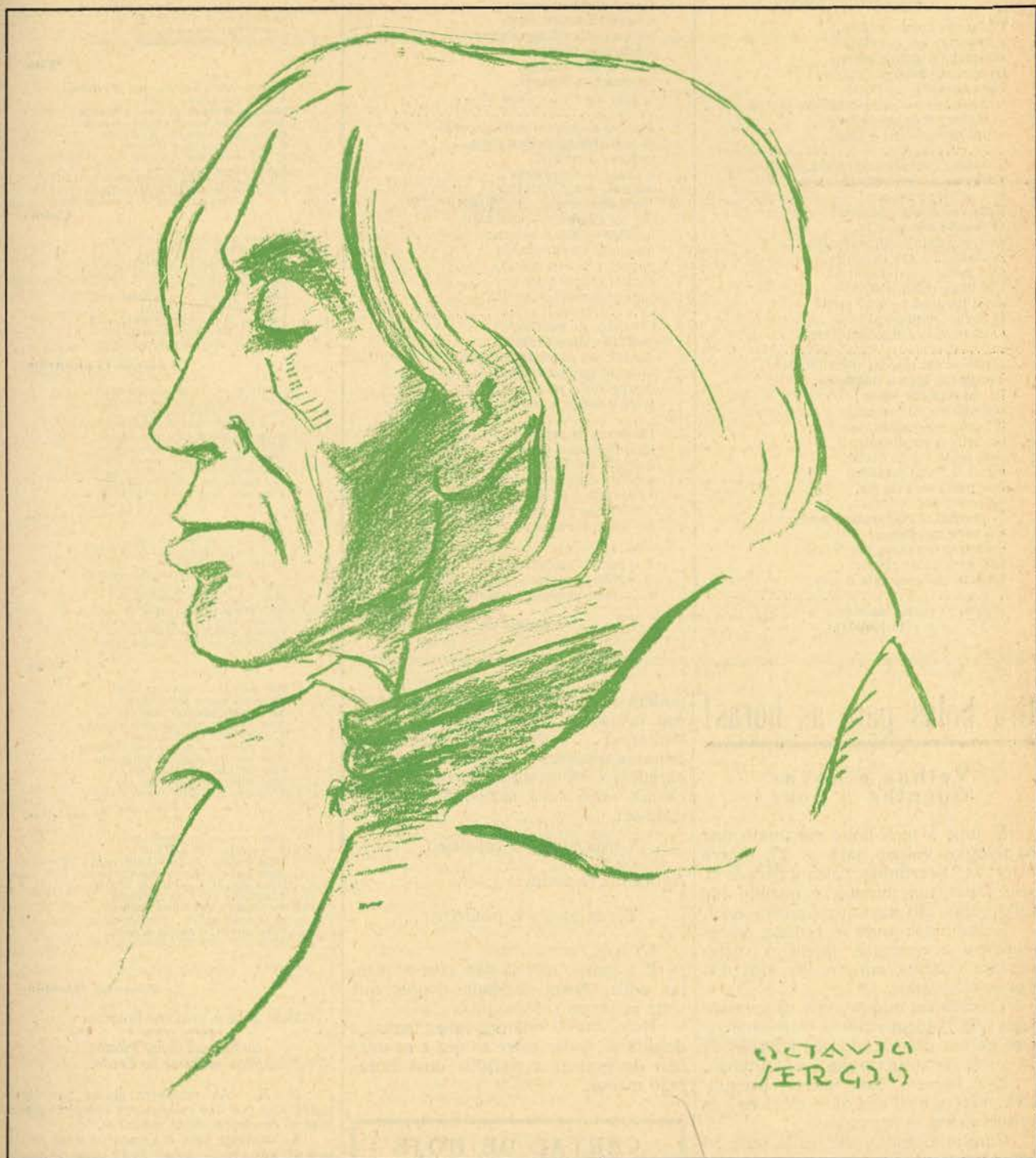
Nenhum papá sorte logra  
Como eu! Foi-se a mulher,  
E agora, porque é mister,  
**Vou casar com minha sogra.**  
Certo isto se não malogra,  
Pois já não vejo empecilhos,  
Ou mesmo quaisquer sarilhos,  
Que tal possam evitar.  
E assim, cá vou caminhar  
*Pra ser acó dos meus filhos...*

(Penafiel). **Marmelo.**

Por favor, daí me chautmalogra  
— Para a lepra hom remedio, —  
Pois eu, por tenaz assédio,  
**Vou casar com minha sogra!...**  
Convencer-me ninguém logra  
Que não serião mil cadilhos  
Dobados em dez sarilhos,  
Mas, como os filhos que... herdei  
Não, tem avós, casarei,  
*Pra ser acó dos meus filhos!*

(Santo Tirso). **Adriano X. Nel.**

# RISO AMARELO



Uma figura de romântico é, nesta idade de utilitarismos, tão anacrônica  
como uma rena.

# Presente do Natal

Este monólogo destina-se a ser recitado na noite de Natal. E para que as jovens cinefilas o possam estudar convenientemente, faz-se a sua publicação com a antecedência do costume, tendo-se lavrado outras de igual teor.

Está conforme. Publique-se.

Podemos, como cenário, apresentar um combóio no qual um pobre saloio, cumprindo amargo fadário, vai a caminho do Pôrto — sózinho, triste, sem *milho*. A mulher teve um aborto — irá depois com o filho.

É noite, Estação da Ermida. Carruagem de terceira. O combóio: u-u-u-u! Uma voz rouca: partida! O saloio: adeus, ó tu, num frasquinho guarda o feto. A mulher: a vez primeira que passo o Natal sem ti! É o filho, o Aniceto, deita foguetes: pum! pum! O chefe: pi-pi-pi-pi! O combóio: Zum-Zum-Zum!...

E põe-se em marcha o combóio. Vertigem: foge a paisagem. Lá vai o pobre saloio, sózinho na carruagem. E pensa no quanto vale ser feliz e ter dinheiro! Esta noite é a do Natal, e este o Natal primeiro que passa fora do lar. Se se fez aventureiro — porque se não sente um velho — e a sorte vai jogar, é porque um filho, um fedelho não se farta de chorar quando em casa falta o pão.

(Saloio às costas da mão os seus olhos foi limpar).

Dormiu e sonhou talvez com bacalhau e batatas numa ceia de Natal. Acordou perto das dez horas — e sentiu-se mal: Estômago agoniado, mau gosto na boca tinha; o intestino pesado — tempestade se avizinha...

Como aflito se sentisse, o saloio a correr larga p'ra a porta da carruagem. Encheu-se então de coragem para aliviar a carga, ao chegar a Recarei. O que fez êle? — Não sei...

Mas no momento mais próprio — impróprio, melhor diria — aparece o revisor a gozar o *panorama* daquela cena burlesca. Vermelho, como uma chama, diz ao saloio: — «O senhor arranjou-a agora fresca; uma multa bem pesada pagará p'ra seu castigo. E note que sou amigo, porque prendê-lo podia...

O saloio, de joelhos, pede perdão e promete dar-lhe um casal de coelhos, jurando que na viagem de regresso, se a fizer, trará consigo a retrete...

Da porta da carruagem se aproxima o revisor, que diz em tom façanhudo, tendo a *coisa* examinado: «Francamente, eu não desisto. Tenho que dar parte disto ao chefe, meu superior».

É o saloio, atarantado: — «Não dê parte — dê-lhe tudo, e... bom proveito, senhor.

Inácio de LANHOLA.

# Rua das Musas

(Continuado da pág. 12)

O meu peito enfim já logra Completa satisfação! Sou um alho, um felizão, Vou casar com minha sogra! Se o azar me não malogra Da ventura os novos brilhos Nunca mais trago fundilhos Em calças a que eu dê uso. E vou dar ao *paraíso* P'ra ser acó dos meus filhos!

Tito.

Dizem que é vil'ra, que é cobra, A mãe da nossa mulher; Mas, se o destino assim quere, Vou casar com minha sogra. Quem tem amores só logra O andar fora dos trilhos, E até criar sarilhos Fazer uma tal tolice. Eu faço isto por perrice P'ra ser acó dos meus filhos.

Calus.

Já que o destino não logra Em dar-me vida feliz, Não olhando ao que se diz, Vou casar com minha sogra! Ela será uma cobra; Mas livra-me de sarilhos Puxando pelos atilhos Da sua bolsa e, contente, Direi: — Eu casei sómente P'ra ser acó dos meus filhos!

Licínio Guimarães.

Como a idade já me dobra, Não há nova que me queira; Irei fazer uma asneira... Vou casar com minha sogra. Como a força não me cobra, Vou ter grandes empecilhos, Meter-me em fortes sarilhos; Vou ganhar fôlego e coragem, Ter força em grande tiragem, P'ra ser acó dos meus filhos...

Sacripanta.

Desdizer-me já não logra Por mais que teime o maldito. Dizia-me o Agapito: Vou casar com minha sogra. Ela é má como uma cobra? Mas não tenho fundilhos, As ceroulas sem atilhos! Assim terei quem me cosa. Fica a velha minha espôsa, P'ra ser acó dos meus filhos.

Voga.

Por não ter rima em ogra Para ao mote responder Se minha mulher morre Vou casar com minha sogra. E com isso ela logra P'ra ouvir os meus estribilhos Vão ser grandes os sarilhos Por ela não ser donzela, Mas quero casar com ela P'ra ser acó dos meus filhos.

Vensódias.

Todo o sossêgo malogra, E o diabo em pessoa Mas, como ainda é bem boa, Vou casar com minha sogra. Para ver se o meu ser logra Terminar com os sarilhos Metendo a fera nos trilhos. E' o casamento... mistério, Pois que não estou a sério P'ra ser acó dos meus filhos...

(Pôrto).

Elmano Otrebla.

Mote para o próximo número:

*Eu não sei como Pilatos Pôde meter-se no Credo.*

N. B. — As restantes glosas não foram publicadas por não estarem em completo acôrdo com as condições dêste concurso.

As décimas para o Concurso teem de dar entrada nesta redacção até às 12 horas de quarta-feira.

Mais duas bases do concurso que por esquecimento não dissemos.

1.ª — As glosas teem de ser metrificadas e rimadas de acôrdo com a forma da glosa hoje premiada.

2.ª — Os concorrentes que obtiverem durante o concurso três votos de louvor serão considerados como concorrentes ao terceiro prêmio.

# Ora bolas para as horas!

## Velhas e novas Quentes e boas

E' hoje à meia-noite em ponto que os relógios voltam para às 23. Quere dizer: às 24 certinhas, passam para às 11 sem faltar um minuto, e quando fôr zero horas, são uma dúzia menos uma.

Resumindo: onze e redoze, vinte-e-quatro e quatorze, fazem o vácuo durante sessenta minutos na vida dos povos civilizados.

Trocada em miúdos, esta dança pode fazer um homem maluco. Suponhamos que há um desgraçado que faz anos às 11 horas da noite do dia 1 de Outubro.

Este homem, sem querer, perguntará: mas a qual das onze nasci eu? às primeiras ou às segundas?

Porque a gente pede bis às onze ao bater das 24.

E uma criatura que tenha a desdita de nascer às 23 e meia horas? Essa criatura pode afoitamente dizer que veio ao mundo em antes de ter nascido, porque a verdade é que, tendo nascido às onze e meia, de aí a pouco eram só onze horas!...

Destá forma também a mãe não

poderá dizer a ninguém que teve uma *boa horinha*... Não será assim, meus senhores?... E êste espaço de sessenta minutos que os relógios teem de andar parados, é enfim aquilo a que o povo chama «*uma hora falta*». Antigamente dizia-se:

Torna atrás, ó cavaleiro.

Agora diz-se assim:

Torna atrás, ó ponteiro ..

E' mais certo.

E a gente, que já não sabe a quantas anda, ficará sabendo depois que anda às tantas menos uma.

Hoje, uma criatura que tenha a desdita de andar entre as dez e as onze tem de gramar a pastilha duas horas pelo menos.

## CARTAZ DE HOJE

*Sá da Bandeira:* A peça americana em 3 actos, *Hora Suprema*.

*Olimpia:* Cinema sonoro.

*Passos Manuel:* Cinema sonoro.

*Batalha:* A grande produção *Fantomas* e o filme cultural *O Aço*.

# PEÇAS E FITAS

## A Chacina ou a Triste Sina de dois Tipos e duas Tipas que não tomaram chá

Comédia dramática e desportiva de grande intensidade, por se passar numa cidade. Um acto, com vários actos líricos, náuticos, cómicos, trágicos e fúnebres

PERSONAGENS: Uma gaja, Outra gaja, Um polícia, Um marujo, Xumelgas e diversos compassas, que vão com... porsando

(Ao Dr. Júlio Dantas.)

A cena reproduz uma travessa (que pode também ser uma terrina de barro) do Bairro alto, em Lisboa. E' cortada por outras artérias, que não estão com sangue, porque é muito cedo (ao rasgar da Aurora) e ainda não começou a circulação. (Isto aqui muito em segredo: a ideia foi roubada ao Pirandello.)

### CENA I

UMA GAJA (as-sumindo a uma porta — ou diminuindo, porque a porta é só meia — dedica à guitarra e canta):

Cantai, cantai raparigas,  
Que a Severa não morreu...  
P'ra cantar belas cantigas,  
'Stá aqui outra: sou eu.  
Que a Severa já morreu  
Muito fadista assevera:  
Mas p'ra que estou aqui eu,  
Que sou melhor que a Severa?!

UM POLÍCIA (de casse-tete à esquina):

Olha lá, minha menina:  
Fecha já essa comua!  
Em hora tão matutina,  
Não podes cantar na rua...

UMA GAJA (refilando):

Pareces que estás na lua!  
O que dizes bem me importa!...  
Não 'stou cantando na rua;  
'stou cantando à meia porta!

UM POLÍCIA (arregaçando os bigodes):

Seja assim, ou como fôr,  
O cantar é proibido...  
Se não te calas, amor,  
Dou-te um tiro num ouvido!

UMA GAJA (a gajejar):

Nesta can... tiga... sim... gela  
Não há soom... bras... de malícia...

### CENA II

OUTRA GAJA (que momentos antes aparecera num portal mais acima):

Não querem ver a cadela  
A refilar co'o polícia!...

(Entretanto, aparece o Xumelgas, que dependura, de um prego espetado na parede, o seu maple de corda, sentando-se comodamente. Du casa de Uma Gaja sai um marujo, empunhando um objecto de pau... Ondulação forte... tipo Marcel; o vento ronda a sudoeste; baixa a pressão...)

UM POLÍCIA (a Outra Gaja):

Raspa-te lá para dentro  
E não te metas na fita!...

### CENA III

UM MARUJO (abinçando para o polícia):

Pois na fita agora eu entro...

(A Uma Gaja):

Que estava a dizer-te o guita?

### CENA IV

XUMELGAS (com uma beata ao canto dum olho):

Poxo! Marinheiro em terra,  
E' xinal de temporal!

UM MARUJO (vojitando chispes pelos olhos, a Xumelgas):

Pois vais já ver quem te enterra  
Esta cana p'lo boçal!

(Brande a cana, que não deve ser nada

branda. Xumelgas encolhe-se todo, mas fica do mesmo tamanho.)

UMA GAJA (pegando na guitarra e rebolando-se toda):

Sobe a gente esta calçada,  
E depois vem encontrar  
Um polícia e a sua amada...

OUTRA GAJA (descendo a travessa e atrevessando-se):

Esta cadela danada  
'stá outra vez a ladrar!

(Um polícia arremete para Uma Gaja, com o casse-tete em pé.)

XUMELGAS (recostando-se no fauteuil e chupando a prisca):

Temos xarilho,  
Tão xerto, filho!...  
Bais ber, Xuão,  
O mar manxinho,  
Num instantinho,  
Ir direitinho  
Pró cagarrão!

OUTRA GAJA (ao polícia):

Dá-lhe dois cacharoles!  
Não sejas pêco, Jaquim!

UM MARUJO (interpondo-se e levantando a cana):

Vê lá bem no que te metes!...  
Volta-te mas é p'ra mim!

UM POLÍCIA (baixando o pau):

Encolhe lá essa cana,  
Que eu já 'stou perdendo a bola!

UM MARUJO

Vem, que te quebro a catana!...

UMA GAJA (ao Marujo):

Deita-lhe a mão à pistola!

(O Marujo manobra — foi má obra! — de maneira que consegue atracar ao polícia; deita-lhe as unhas à bolsa, pondo à mostra o cano da pistola.)

(A pressão baixou mais: está a 909 mb., quer dizer: muita bordoadá; o mar enca... pela-se por ver a peça, mas não pede nada; o vento assobia a «Triste Vida do Marujo». O dito da vida triste levanta a cana.)

UM POLÍCIA

Toma tento!... Se me bates...

OUTRA GAJA (ao polícia):

Inda aqui me tem a mim!

UMA GAJA (irônica, ao marujo):

Eu não quero que tu mates  
Esse engraçado saquim...

OUTRA GAJA

Olha lá, ó marafona,  
Pensa só no teu charrôco,  
Que bem precisa da dona...

UMA GAJA

Vem cá, que mamas um sôco...

UM MARUJO (finfando uma trautlada no polícia):

Chapa lá essa canada,  
Que é para matar's o bicho...

UM POLÍCIA (enfando o sabre pela bôca do marujo):

Gramam tu o peixe-espada!...

(Um grande jacto de sangue vai manchar um mangerico que uma donzela acabava de pôr... à janella — que lirismo!)

XUMELGAS (comentando):

Ena, pai, que grande esguicho!

UM MARUJO (soando... parado):

Não posso pedir socorro,  
Pois tenho a bôca tapada!  
Se não me acodem, eu morro  
Com esta coisa entalada!...

(Num arranco, consegue arrancar a pistola ao polícia, desfechando duzentos e três tiros sobre o pretendente a cadáver.)

UM POLÍCIA (cuspidando caroços de azeitona):

Quem me acode agora a mim,  
Que de valente dei provas?!...

UMA VOZ (ao longe):

A tostião o salamim,  
Quem quer azeitonas novas?

(Um polícia e Um marujo caem no solo... a duo.)

### CENA V

UMA GAJA (para outra gaja):

Por tua culpa, dianho,  
E' que o meu home enguliu  
Um peixe d'aquel' tamanho,  
Que inté parece um safio!...

OUTRA GAJA

E o meu, ali 'stendidinho,  
Depois de fartas taponas,  
Tendo dentro do corpinho  
Mais dum quilo de azeitonas?!...

(Atiram-se uma à outra, como gato a carapaus. Uma gaja arrinca, com uma dentada, o nariz a Outra gaja.)

OUTRA GAJA

Ah, cabra!... Desnarigada,  
Perco todo o valimento!...

UMA GAJA (metendo o nariz... no bôlso):

Terás que ser reformada...  
Ou então... p'ra um convento!

(Outra gaja extorque um olho a Uma gaja.)

UMA GAJA (chorando só duma banda):

Agora, sem ter um olho,  
E' que fiquei bem... perdida!...

(Outra gaja limpa o olho e engôe-o...)

XUMELGAS

Pai Paulino era xarolho,  
E lá governava a bida...

(As duas gajas, num nobre impulso de solidariedade, resolvem também morrer e atiram-se sobre os cadáveres dos defuntos que estão mortos.)

### CENA VI

XUMELGAS (aproximando-se cuidadosamente):

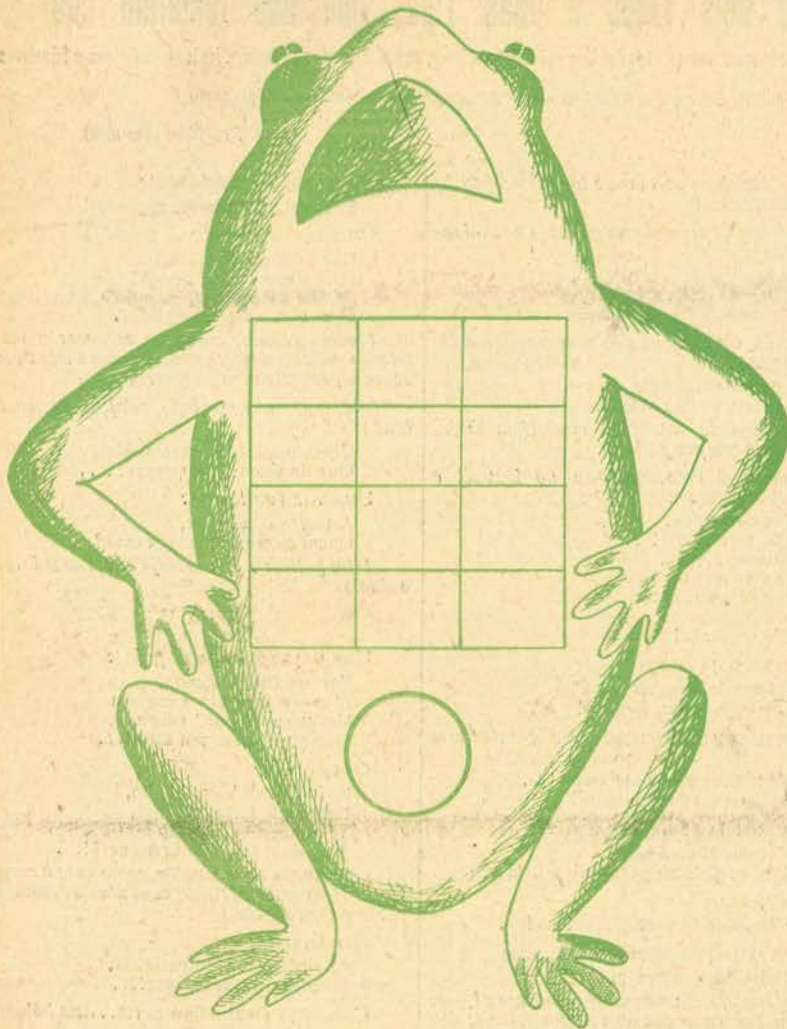
Duas moinas (que funereo!)  
Um polixia e um grumete,  
Té parexe um xemiterio!  
Xá arraxeí um bom frete  
P'ra lebar ao Necroterio...

(O sangue corre à desfilada pelas pedras... da calçada abaixo, indo dar um encontro na mulher da fava rica.)

O PANO (para não lhe suceder o mesmo, vai descendo com todo o cuidado: pé aqui, pé ali...).

BISNAU.

JOGO DO SAPO (1.ª PARTIDA)



Cortar por aqui.

GRANDE CONCURSO DE OUTUBRO  
JOGO DO SAPO

Senha N.º .....

Nome do concorrente .....

Morada .....

Número de pontos que lhe são atribuídos..... (1)

(1) Esta linha será preenchida pela nossa Administração.

Plano geral deste Concurso

Como vêem, o **Jogo do Sapo** é, nem mais nem menos, do que essa gravura com doze casas quadradas, e uma casa redonda, por baixo das outras.

Em seis dessas casas, e conforme um esquema descritivo que ficará guardado num envelope lacrado e exposto na Agência de Publicações, da Praça da Liberdade, estarão marcados os seguintes números:

Em uma casa —	1:000
> outra —	500
> > —	300
> > —	100
> > —	70
> > —	30
	2:000

O que prefaz um total de 2:000 pontos.

O concorrente dispõe de seis patelas, que atirará à sua vontade para as casas em branco, quadradas ou redonda, não podendo em caso algum atirar duas ou mais patelas para a mesma casa.

É claro que terá que nos remeter o esquema do **Jogo do Sapo**, com as patelas marcadas por um círculo, nas casas que entender, até à quinta feira seguinte.

Para a primeira partida, que hoje começa, só valerão os sapos de cor verde. Em troca dele será entregue ao concorrente uma senha numerada. Aos concorrentes da província será igualmente arbitrado um número de entrada.

O Jogo será por partidas semanais, e serão distribuídos os seguintes prémios também semanalmente:

- 1 prémio de 500 escudos ao concorrente que totalizar 2.000 pontos.
- 2 prémios de 100 escudos aos concorrentes que totalizarem 1.500 pontos.
- 30 prémios de 10 escudos representados por livros de igual valor aos concorrentes que totalizarem 1.200 pontos.

Na sexta feira seguinte será aberto o envelope, e a MARIA RITA de sábado trará o esquema da partida com as casas onde estavam as patelas para que os concorrentes da província possam estabelecer o respectivo controle.

Igualmente serão dados os nomes dos concorrentes premiados. No caso de serem mais os pre-

miados do que os prémios, far-se há o sorteio entre eles, de uma forma absolutamente honesta e de fácil comprovação.

N. B. — Modificamos, em alguns pontos, as condições deste concurso, por nos parecer demasiado fácil. Que nos desculpem os futuros concorrentes e fiquem com a certeza de que assim mesmo, fácil se tornará.

O JOGO DO SAPO é

**Honesto** — porque é feito pela MARIA RITA

**Divertido** — porque entretém e experimenta a sorte de cada um.

**Simple** — porque o **Jogo do Sapo** toda a gente o conhece, e os que o não conhecem, até se envergonham de o dizer.

**Lucrativo** — porque distribue:

1.000 esc. de prémios semanais

Vamos ao SAPO, meus senhores, que hoje começa.